

D'ANDREA G. L.

WUNDERKIND

UMA RELUZENTE MOEDA DE PRATA

Tradução
Mario Fondelli

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2012

PRIMEIRA TEMPESTADE

A tempestade rolava ao longe com um tripúdio de relâmpagos e trovões. As sombras vacilavam, como que desmaiadas, e até a noite parecia recuar diante da passagem da criança, vestida de preto e branco, que fugia assustada.

O homem no beco estava curvo em cima do fogo. O menino parou, transtornado. O cabelo preto colava em seu rosto, branco como leite: tudo nele era preto e branco.

A fogueira no fim da ruela soltava centelhas na fumaça de seiva vegetal e plástico queimado. Uma oferta de calor desejável demais para que o menino a pudesse recusar.

A água escorria furiosa. Gastava o reboco, martelava as pedras do calçamento, quase tentando apagar o incêndio nas entranhas da Terra, enchia as calhas até dobrá-las e as fazer transbordar, mas o homem envolvido na capa impermeável verde parecia não se importar. Tinha o rosto mergulhado na sombra e batia ritmicamente as mãos.

— Quer dizer, então — disse baixinho, com um tom quase de chacota — que você é o Wunderkind?

O homem não obteve resposta: o menino estava apavorado demais, trêmulo demais para dizer qualquer coisa, até um simples “estou com frio”. Esfregou os olhos e, indeciso, chegou um pouco mais perto para observar a figurinha brilhante que dançava no compasso das mãos do homem.

Era maravilhosa: dava piruetas e cambalhotas no ar, leve como uma pluma, graciosa como uma bailarina. Evitava as gotas mais pesadas com fluidos movimentos de seda, e voltava a pular, para cima, incansável, superando as chamas, e voltava a descer, mais e mais, sempre acompanhando o ritmo das mãos do homem. O menino não se cansava de olhar, encantado.

Nunca tinha visto algo parecido.

O rosto do homem, agora, já não estava na sombra, e o seu perfil não era certamente bonito. A barba estava manchada e suja, enredada em uma maranha de cor indefinível. A pele das faces era enrugada, ressecada pelo sol e desfigurada pelo vento. Os lábios rachados estavam esticados em um sorriso torto, uma careta de lobo que deixava à vista dentes podres, mas afiados. Era caolho, com uma vistosa cicatriz malcosturada, que descia pela face e lhe cortava o olho, enquanto o outro, de um gélido azul, faiscante, trespassava o menino de um lado para outro.

O garoto estava com medo, um medo imenso, mas não conseguia desviar o olhar das evoluções da figurinha de fio metálico. Parecia-se com um minúsculo espantalho, com a cabeça triangular como a das cobras peçonhentas e duas penas de galo, formando um V que lembrava os chifres dos caprinos.

— Eu sou aquele a quem chamam de Pilgrind — apresentou-se o homem, sobressaltando-o. — E este aqui — acrescentou — é o Rei Arame Farpado.

Bateu uma última vez as palmas das mãos e o estalo que provocou pareceu ecoar ao infinito no beco escuro, ricocheteando de uma parede para outra, sobrepujando até o contínuo canho-neio da tempestade. As chamas da pequena fogueira brilharam mais fúlgidas e imponentes, e o menino, instintivamente, deu um passo para trás.

A figura deu mais um pulo elegante e desapareceu no alto, engolida pela escuridão.

WUNDERKIND

Por um momento, pareceu ter desaparecido, mas, então, aterrissou com uma mesura e, na fugaz evolução cintilante, deu uma cambalhota e pulou em cima da criança.

Afundou as mãos em seu peito, em sua carne.

O único pensamento do menino foi: “Queima.”

— Podemos começar.

É assim que o sonho acaba, infalivelmente: com aquela voz que sobrepuja a tempestade e a dor excruciante no peito. Sempre igual. Sempre a mesma sensação de perigo iminente.

1

Era sempre assim, em Paris, em outubro. A alvorada começava sonolenta, umedecia a chama elétrica dos lampiões que, por algum tempo, crepitavam baixinho, para então abandonar as ruas a si mesmas.

Cabia à vozearia nos prédios despertar do sono e do torpor a cidade. Criaturas vivas e especiais, feitas de tijolos e concreto, mármore e madeira, granito e argamassa.

As canaletas de escoamento fervilhavam dos dejetos trazidos pela chuvarada. As goteiras continuavam pingando, portas de casas e lojas rangiam, cumprimentando em coro a tepidez da manhã.

Esticadas para o céu, naquela sua linguagem secreta, as criaturas de concreto e tijolos mexericavam acerca dos prejuízos da noite, fazendo a lista de mortos e nascidos.

O alvorecer passara do rosa para o vermelho, do vermelho ao amarelo. Portanto, amanhecer.

O chiar dos bondes, as portas corrediças das *boulangeries*, os passos dos operários, de jornal em baixo do braço e profundas olheiras marcando os rostos, a confusa gritaria dos pardais e das gralhas por cima do inconfundível murmúrio do outono. Folhas mortas juntavam-se em pequenos redemoinhos, poças

WUNDERKIND

respingavam na passagem de pneus e botas. Bandos de pombos espiavam de baixo dos telhados com seu costureiro ar parvo e maldoso.

De manhã, o ar era um verdadeiro buquê para os entendidos.

A fragrância do pão recém-saído do forno e aquela, mais sedutora, dos doces misturavam-se com o arco-íris dos perfumes dos floristas ambulantes, junto com os mais delicados e insinuantes de mulheres decididas que iam sabe-se lá para onde.

Um velho de olhos azuis passeava assoviando, de mãos nos bolsos. Seus olhos cruzaram os do menino amuado e o velho concluiu que Paris sabia ser tão estupenda quanto um primeiro amor.

Mas igualmente cruel.

Caius Strauss tinha 14 anos, uma aparência doentia, uma sacola a tiracolo e punhos apertados nos bolsos da jaqueta. Continuava a atormentar o lábio enquanto a cabeleira desgrehada, roçando em sua testa, deixava-o ainda mais nervoso.

Uma vez que passara a maior parte de sua vida entre jalecos esterilizados e vidros de xarope, longe de gente de sua idade e suas ansiedades, mais amigo de Dickens que dos videogames, não tinha nada de bobo ou leviano. Por isso, além de inquieto, também aparentava alguma perplexidade.

O motivo era o seguinte: raramente encontrara em seu caminho um quebra-cabeça como aquele que, naquela que talvez fosse a última manhã agradável de outono, estava a atormentá-lo. O quebra-cabeça, pelo menos aparentemente, era inócuo.

Ele segurava na mão uma reluzente moeda de prata.

Enquanto, sem querer, esbarrava em um homem ocupado a examinar com olhos míopes a primeira página do *Le Monde*, Caius Strauss só conseguia pensar na moeda. A moeda, a moeda e mais uma vez *a moeda*. Um enigma que tornava aquela bonita

manhã, escura como piche e tão cheia de emboscadas quanto as quatro que a antecederam.

Nos últimos quatro dias, com efeito, nada mais existia para Caius Strauss a não ser aquela moeda. A moeda e uma dúvida. A dúvida era: estou ficando louco.

Caius Strauss jogara a moeda de prata em uma lixeira cheia de papéis e latas de bebida, no cruzamento da rua Legendre, bem na frente da creche em forma de cubos no parque do Couvent des Récollets.

Jogara-a fora enquanto o pé d'água o encharcava da cabeça aos pés, às cinco em ponto: olhara o relógio. Aqueles detalhes haviam ficado gravados em sua memória. A lata, os cubos, o relógio.

Jogara fora a moeda, não a perdera em um momento de distração. Não tinha escorregado através de um buraco no bolso do jeans como costumava acontecer com os trocados e as passagens de metrô. Jogara-a fora de propósito, e, quando ouvira, apesar do martelar das gotas no guarda-chuva, o barulho da prata que tilintava no fundo da lixeira, sentira-se melhor. Não propriamente *bem*, apenas um pouco melhor.

Caius sabia que a moeda de prata voltaria. Não era a primeira vez que tentava livrar-se dela. Jogara fora aquela moeda três vezes, em três lugares diferentes, e três vezes a moeda de prata reaparecera.

Aquela maldita moeda, fria apesar de a mão que a segurava estar suada, fazia com que ele se sentisse estranho. Não, “estranho” é uma palavra vaga demais. Sempre remoendo, esquivou-se do latido de um minúsculo poodle e passou pelo austero portão da caserna Gendarmaria, na rua Truffaut. A verdade era outra, e Caius não era do tipo que mentia para si mesmo. O maldito quebra-cabeça, a moeda de prata que sempre

WUNDERKIND

voltava, não fazia com que se sentisse apenas estranho, fazia com que passasse mal.

E passava mal, porque considerava o sujeito que a dera... asqueroso.

Quatro dias antes, um carro de vidros fumês parara a uns poucos metros do banco onde Caius sentara para descansar.

Do carro, surgira um homem com uma ridícula cartola na cabeça. O homem sorria e sentara a seu lado. Parecia estar procurando justamente por ele.

O sujeito baixo, gordo como ninguém, uma bola, de dedos incrivelmente longos e pálidos que não paravam de se mexer, desagradara Caius desde o primeiro momento.

Agora que já era tarde, Caius se arrependia de não ter ido embora imediatamente. Se tivesse feito isso, não estaria com aquela maldita moeda que lhe tirava o sono. Mas era inútil mentir: não teria tido a força de fazer uma coisa dessas.

Havia algo magnético e irresistível naquela figura obesa. Naquela cara de lua e naqueles olhos, redondos e reluzentes. Como moedas. Olhos que nunca piscavam, pensara Caius, estremecendo.

Não ficara um momento sequer sem pensar neles nos últimos quatro dias.

— Caius — dissera o desconhecido. — Caius Strauss.

A voz do desconhecido era sonora demais, alegre demais para não ser fingida. Fizera o estômago do rapaz se revirar.

— Caius Strauss. — O homenzinho oferecera a mão de dedos absurdamente longos e retos. — Caius Strauss, Herr Spiegelmann. Seu tio.

Ao cruzar os olhos do forasteiro, Paris desapareceu. Engolida. No reluzir das moedas incrustadas nas órbitas daquela lua esbranquiçada, Caius encontrou o próprio reflexo distorcido

e uma sensação nova, extremamente violenta, que nunca tinha experimentado antes, nem mesmo diante do olhar preocupado dos médicos que procuravam uma cura para seus pulmões.

Medo.

— Como você cresceu, Caius Strauss! — O homem pronunciava o nome demorando-se nos esses, conferindo-lhe uma conotação quase carnal, obscena. Não era difícil imaginar aquela voz murmurando vulgaridades nos cantos escuros dos jardins de infância. — Você não passava de um pimpolho quando o vi pela última vez. Pequeninho assim... Mas cresceu, agora é quase um homem.

— Eu não... — As palavras custavam a sair, lentas, indecisas. Herr Spiegelmann sorriu.

Tinha dentes absurdamente longos e afiados. E podres.

As baforadas de seu hálito não fizeram o rapaz recuar. Daquela podridão e daquele fedor, assim como de muitos outros pequenos detalhes repulsivos, Caius só se deu conta mais tarde. Como se aquele homem fosse o fruto de um sonho. Um sonho, no entanto, de que não podia duvidar.

A moeda na palma de sua mão havia sido, desde o começo, fria e concreta.

— E como poderia? Você era muito novinho, e eu tive que ficar ausente por muito tempo. — Herr Spiegelmann aproximou-se com ar conspiratório. — Obrigações, negócios. Um homem muito atarefado, era assim que sua mãe me chamava. Reprendia-me, dizia que eu acabaria tendo um troço. E alguns sujeitos da concorrência confiam muito em uma eventual enfermidade minha.

Um sorriso fugaz, mais uma vez aqueles dentes. Caius viu de relance que alguma coisa se mexia no fundo daquela boca. O enjoo tornou-se ânsia de vômito.

Na boca do desconhecido havia algo indefinível e desagradável, uma espécie de chumaço de cabelos, algo com tentáculos

WUNDERKIND

finos como capilares. Algo nojento e pavoroso. Mas desviar o olhar?

Impossível.

— O Vendedor, é assim que me chamam na família. Herr Spiegelmann, o Vendedor. Bastante estranha a sua família, sabia, meu rapaz?

Do mesmo jeito que sua voz era estridente, sua risada era baixa e cavernosa.

— Aposto que nunca lhe contaram sobre mim. — A afirmação soou como uma verdade óbvia. — Que pessoal mais aéreo, um bando de bobocas! Mas vamos dar um jeito nisso, você vai ver. Prometo. Estou aqui a negócios, sempre negócios, e acho que vou me demorar algum tempo. Assim, a gente poderá se conhecer melhor.

Fez-se uma pausa que, para Caius, pareceu uma eternidade.

Depois: — O que me diz?

O corpo do jovem reagiu como diante de uma ameaça. Não fosse por aqueles olhos brilhantes que o mantinham pregado, Caius teria vomitado.

— Não gostaria de conhecer velhas histórias de família? Nada melhor do que uma boa troca de fofocas diante de uma xícara de chocolate quente. Ou então poderíamos ir ao cinema juntos, conheço salas lindíssimas. — De novo aqueles esses demorados. De novo aquele assovio. E a boca que se abria. E aquela coisa se mexendo no fundo da garganta. — Cinemas onde passam filmes incríveis, daqueles que sua mãe nem sonharia em lhe deixar ver. E, algum dia, quem sabe, umas boas férias juntos. Como amigos do peito. Sou um homem muito atarefado, claro, mas sempre posso dar um jeito para dedicar algum tempo ao meu sobrinho.

Então, a lua partiu-se em duas. Foi o que Caius achou. A lua estava se rachando e, dali a pouco, iria engoli-lo. Mas era apenas

a boca de Herr Spiegelmann que ria com gosto. A risada subiu de tom, subiu até tornar-se o zunido de um inseto.

Agudo de fazer sangrarem os tímpanos.

Os olhos dos dois separaram-se por uma fração de segundo, e a calçada voltou a ter consistência. Carros que passavam, uma mulher segurando sacolas de compras, o automóvel de vidros fumês estacionado logo adiante, a vitrine da loja de bijuterias, que deixava suas quinquilharias à mostra... Depois, a lua se recompôs, e tudo voltou a ter contornos indefinidos.

Tudo a não ser Herr Spiegelmann. — Abra sua mão.

Caius obedeceu.

A moeda estava fria.

— Um amuleto. Um presente.

— Obrigado — gralhou o garoto.

— A gente se vê. Não passava de um girino pequenininho assim, mas agora você cresceu. Pense em minha proposta. Você gostaria de ver o mar? Vou levá-lo até lá. Todos gostam do mar. É lá que todos nós nascemos, se você pensar bem. Peixes, rãs, macacos. — Estalou os dedos como um ilusionista. — Isso mesmo. Vou levá-lo até lá. Mas só se for um bom menino. — Suas mãos borboletearam em um aplauso. Levantou-se.

A porta do carro se fechou. O motor subiu de rotação. A seta piscou e uma pequena nuvem de gás bufou do escapamento para queimar as narinas do rapaz. O desconhecido sumira.

Caius esperou até o carro desaparecer no trânsito, ficou de pé e voltou para casa.

Durante o caminho, não tropeçou uma única vez.

No dia seguinte, Caius jogou a moeda em uma lixeira da rua de Dames, bem perto de casa. Teve a impressão de tirar um pedregulho do estômago.

WUNDERKIND

Naquela mesma noite, encontrou a moeda esperando por ele em cima do travesseiro.

Dois dias depois do encontro com Herr Spiegelmann, jogou a moeda da Pont des Invalides. A moeda se perdeu na escuridão das águas do Sena, e ele se sentiu melhor. Não bem, apenas um pouco melhor.

Mas a moeda voltou.

Três dias depois do encontro, embaixo de chuva, quase desesperançado, Caius jogou a moeda em uma lata de lixo da rua Legendre. Os cubos, o relógio. O tilintar da prata no metal da lixeira fizeram com que ele se sentisse um pouco melhor.

A moeda voltou.

Quatro dias depois do encontro com Herr Spiegelmann, atrasado e um tanto ofegante, Caius passou pelos portões do Instituto das Pequenas Madres.

Não antes de jogar a moeda em um bueiro.

E dessa vez não se sentiu nem bem nem melhor.